

REDACÇÃO PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Tãhata — Lisboa • Telefone: 77

Officinas de impressão: Rua da Atafala, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A NOSSA OPINIÃO

Tem o nosso camarada e amigo Manuel Joaquim de Sousa dissecado, com muito acerto, numa série de artigos que vem publicando neste jornal, o projecto de lei há pouco apresentado à câmara dos deputados pelo dr. João Camoegas, sobre sindicalização obrigatória, projecto que a Batalha, a quem tais assuntos merecem, como é óbvio, muito interesse, foi o único jornal a dar à estampa.

A circunstância, porém, do referido camarada vir escarpando aquele projecto não nos inibe de aos seus argumentos juntar agora alguns raciocínios, visto que o assunto, sendo de natureza a merecer as atenções dos militantes da classe operária, que podem e devem apreciá-lo, com dobrado motivo reclama da redacção do órgão da Central dos Sindicatos Portugueses um exame, ainda que perfunctório, pósto que, depois da análise que lhe tem sido feita por Manuel Joaquim de Sousa, necessariamente não temos de atacá-lo em todas as suas minúcias.

A nossa opinião, terá, pelo menos, a vantagem de demonstrar ao dr. Camoegas, que se iludiu se supoz que, apresentando o seu projecto de lei, prestaria qualquer serviço à classe operária, o que de facto não sucede, porque esta de dia para dia mais se vai convencendo de que pelo próprio esforço logrará aperfeiçoar as suas instituições de resistência ao capitalismo, instituições que serão tanto mais fortes quanto maior for a consciência de classe.

E como costumamos escrever o que pensamos, diremos que a impressão primeira que recebemos ao ler o projecto do dr. Camoegas foi a de que o camarada intuitos discretos, ilação que não surge naturalmente em quem está habituado a assistir às mais espectaculares afirmações dos políticos desta terra, afirmações que na prática continuam a ser contraditórias.

Sabemos que o dr. Camoegas tem no passado, afirmações de rasgado liberalismo, mas também não ignoramos que fôrma presentemente um partido político burguês e, para mais, precisamente, no partido que com maior convicção tem combatido a classe operária, apesar do radicalismo que apresenta. A simples verificação desta incongruência, entre as afirmações e os actos do autor do projecto, justifica, cremos, todas as desconfianças.

Admitindo, porém, que há, da nossa parte, erro de visão, isto é, que o dr. Camoegas foi impulsionado, ao apresentar o seu projecto, por um sincero desejo de contribuir com o seu quinhão de esforço para o progresso da organização sindicalista, ainda sob este aspecto não pode entusiasmar-nos o seu trabalho, porque este, sendo obra dum democrata, há de forçosamente reconhecer os princípios políticos que animam o seu autor — o que realmente sucede.

Nada de confusões!

reconhecem vários testemunhos insuspeitos.

Entre os camponeses siberianos não arranja Koltchak tropas. Por mais convocações e avisos que faça, não aparece ninguém. Por isso são enviadas aos campos expedições compulsórias, em cativa de recrutas; e como estes desaparecem de cada aldeia ao aproximarem-se dela a tropa, os oficiais, furiosos, mandam acobitar ou enforcá-los que ficam!

Estas monstruosidades foram narradas e documentadas no parlamento inglês pelo coronel Wedgwood.

Os próprios checos-eslovacos, que tinham combatido os bolchevistas, acabaram por negar o seu apoio à ditadura brutal de Koltchak — o que aliás lhes valeu a dissolução do seu Conselho Nacional pelo ministro da guerra checo, general Stephanik, ido expressamente de Paris... Também os Zemstvos foram proibidos de discutir outros assuntos que não fossem os económicos, depois que o Conselho dos Zemstvos das Províncias Marítimas, achou publicamente que o governo de Omsk era impopular.

Os norte-americanos mostraram uma atitude de repugnância pela obra de repressão das justíssimas revoltas camponesas e não raras vezes recusaram terminantemente tomar parte na tarefa infame.

Muito menos esmerulposos são os bárbaros japoneses, que empregam, a propósito de tudo ou de nada, a artilharia contra pobres aldeias, arrasando-as completamente e correndo a cabeça aos prisioneiros, os quais muitas vezes não passam de pobres diabo, ignorantes de bolchevismo e do mais!

Mas... temos que prosseguir na interminável exposição destes horrores.

As viagens de Poincaré

PARIS, 28. — O presidente Poincaré não quiz regressar a Paris sem ter visitado todos os campos de batalha da Alsácia e da Lorena, não só os de 1914 como os de 1870 e assim certificar-se como se certificou, da sinceridade e do amor daquelas comarcas reintegradas na França. — H.

NOTAS & COMENTÁRIOS

A reacção custa caro

Ben dizia o *Manchester Guardian*, ao comentar com ironia aquela invenção políticsa das seis mil libras mandadas pelos Sovietes russos aos extremistas ingleses: "Tomáramos nós (os ingleses) que Koltchak e Denikin se contentassem com tão pouco!"

Com efeito, segundo o relatório oficial publicado em meados de Agosto, a Inglaterra gastou com a Rússia, desde o armistício até 31 de Julho, a bagatela de 70 milhões de libras esterlinas, sendo 26 milhões nas operações navais e militares na Rússia setentrional, no exército do Cáucaso e nas esquadilhas do mar Negro e do Báltico e 44 milhões de dinheiro fornecido ao almirante Koltchak, ao general Denikin e ao governo das Províncias Bálticas. Só Koltchak e Denikin embolsaram 40 milhões de libras — como pinguinhos sem fundo.

E ainda tem o descafo de falar em "dinheiro recebido dos bolchevistas!" E dizer-se que é o trabalhador, o produtor útil que paga tudo! Paga até para que lhe vedam o caminho da emancipação!

Injustificado espanto

Espantam-se, ou fingem espantar-se alguns jornais e que estejam sendo concedidas todas as comodidades e todo o conforto na cadeia, a certo cavalheiro recentemente preso por haver empregado os seus talentos em fazer reverter em seu proveito uma batelada de contos de reis surripados a vários banqueiros. A qualquer outro, mais comedido nas proezas, teriam os carcereiros encrespado jactanciosamente o sobrecoelho, dando-lhe a espora de fel se o vissem com sede. Mas o dinheiro, lá lhe cantava João de Deus, é tam bonito, tem tanta graça o maldito... *Tim!* Pois não... De modo que é a própria justiça que, com seus verdidos, impele os preclaros amigos do olho a furtar muito, que furtar em pequena escala é disparate. Disparate que é forçosamente duramente na cadeia.

Estafada ária

Pega a gente num jornal e fatal é que logo aos olhos lhe saltem, quasi sempre na primeira página, estas duas notícias, consignadas em títulos vistosos e encançadamente repetidos: primeiro, que a greve ferroviária está agonizante, cada vez se encontrando mais normalizados os serviços; segundo, que o bolchevismo russo está desmantelado e pouco mais pode durar. Já se isto todos os dias. Vai-se a ver, a greve ferroviária mantém-se. O regime socialista da Rússia mantém-se igualmente. Esta circunstância não impede que os jornais continuem a dar em vias últimas de ruína a greve e o maximalismo. Se as parlapatas dos jornais fossem suficientes a anular acontecimentos bem determinados pela evolução social talvez já as estafadas parlapatas dos jornais coincidisse com a realidade. Assim não coincide — o que faz andar raladilha muita boa gente, cujas profecias se realizam ao contrário.

Venham nomes!

Publicou o sr. Egas Moniz um livro sobre política, que ainda não temos, onde aparece o seguinte trecho:

"Depois da queda do ministério Pimenta de Castro, entrei com José do Alpoim no movimento revolucionário em que teve lugar o destituição de sr. Rodrigues Nogueira. Nesse movimento entravam republicanos, monárquicos e sindicalistas, no propósito de continuarem a obra republicana moderada do general Pimenta de Castro. Sobre o assunto houve entendimentos com os dirigentes monárquicos."

O mundo já por duas vezes transcreve este trecho, estranhando que os sindicalistas não hajam dito sobre o assunto. Ao mundo diremos nós que se acreditariamos na veracidade da asserção e vissemos publicados os nomes dos tais sindicalistas. E, dado mesmo que os nomes aparecessem, restava ver se os pretendidos sindicalistas o eram de verdade, pósto que nos repugna acreditar que entre os militantes honestos do sindicalismo houvesse quem se prestasse a conluir-se, para aquele efeito, com republicanos, quanto mais com monárquicos!

A greve vermelha

«Cronstadt a arder»

PARIS, 27. — O *Temps* recebeu um telegrama de Helsíngfors dizendo que Cronstadt está a arder e que começou a ofensiva contra os bolchevistas na frente da Carelia. — H.

Em França

Ainda o descarrilamento do comboio de Paris

PARIS, 28. — Notícias de Bordéus dizem que depois de todas as investigações feitas sobre o descarrilamento do comboio de Paris a Pau, por Bordéus, apurou-se que não houve maior número de mortos do que os sete primeiramente indicados. — H.

Há notícias do «Goliath»

PARIS, 28. — O ministério das colónias tem recebido sucessivos telegramas dando pormenores sobre a *pauze* e aterragem do *Goliath*. O silêncio foi devido a ser uma região deserta, a da aterragem e porque as populações de mouros que lá mais próximas tinham abandonado os seus lares para ir trabalhar numas alturas, como fazem todos os anos por este tempo. Foi de sete dias a demora em se ter notícias do *Goliath*. O primeiro telegrama recebido em Paris foi expedido pelo correspondente da Agência Havas, em Dakar. — H.

ENTRE NÓS

O BURGUEZ

Onde éle vai, o que éle frequenta

A sua tragédia

Parodiando um artigo inserto num jornal republicano da manhã, intitulado *O OPERÁRIO*, publicamos hoje o seguinte artigo do nosso colaborador Souvarine

Ser burguez, viver comodamente sem nada produzir, explorando e oprimindo operários que, segundo o seu critério, ainda não trabalham o necessário, é, na acepção generica do termo, uma coisa que honra. O nosso burguez, o burguez alfacinha, de todos tam conhecido, é uma criatura acéfala, limitando-se, quando muito, a todo copiar do burguez de alem fronteiras, menos a maneira de ser homem do seu tempo. O burguez é, geralmente, um homem assoado e, à força de envergar os fittimos figurinos de Paris e Londres, acaba por vestir bem. Nunca perde, porém, o seu ar boçal de homem de dinheiro, de indivíduo alheio aos requintes da inteligência e da cultura humana, materializados nos livros de frontispícios artísticos espalhados pelas vitrines das livrarias e de coloridos esmaecidos à força de suportarem os ardores do sol. O burguez não lê, limitando-se, quanto muito, a soletrar difficulosamente os anúncios a letras gordas insertos nos periódicos burguezes de grande informação. Geralmente desconhece como enriqueceu, é vulgar mesmo não saber contar, confiando a escrita das suas finanças a um guarda-livros cautelosoamente escolhido. Tem, apenas, o instinto do negócio-roubo; é dotado de uma certa habilidade, que costumamos chamar saloia. Não hesita em lançar no mercado produtos adulterados e de especular com os males públicos. Ele não tem coração; em seu lugar possui o seu livro-caixa, de que deseja ver as páginas destinadas ao *Haver* completamente cheias, ao passo que as do *Deve* não as quer ver com mais duma dúzia de linhas enegrecidas. E, actualmente, à força de estar em contacto com a civilização, uma criatura limpa de corpo. Quanto ao espirito, é porco, porco imundo, não abrigando a mínima parcela dos bons sentimentos que constituem a honra do homem.

O burguez dos outros países difere muito do burguez de Portugal. Também especula, também vive da exploração do homem pelo homem. Mas possui uma certa delicadeza de sentimentos, é geralmente inteligente, de forma que transige habilmente ante as reivindicações proletárias; sabe limar as asperezas da questão social, com um tacto, uma astúcia de que é incapaz o nosso burguez. Não quer isto dizer que ele não venha a desaparecer, por ser inútil a função que desempenha. Mas, estamos certos, saberá cair, saberá ir recuando para o fundo do palco da vida, despedindo-se, por fim, dos espectadores, com uma delicada vinta, que decerto lhe será paga com estrondosa salva de palmas. Ele, o burguez lá de fora, é assim por que tem cultura, uma cultura forte, sa, que desconhece os folhetins inverosímeis do *Século*. O burguez estrangeiro é um homem da época, da época triste da guerra, da época grande do telegrafo sem fios, da época da supressão das distancias. Em Portugal, o burguez é aquela criatura mesquinha e ridicula descrita por tantas penas illustres. É um valor social devido ao indiferentismo dos inteligentes e dos que trabalham. Faz-se valer, especula, burla, trapaceia; da exploração do próximo fez rendosa profissão. Censuramo-lo? Não. Ele faz isso porque o deixam, porque a sua força é feita da fraqueza das suas victimas. O nosso burguezinho é, em regra, como sempre foi, mal educado, mal lido, cada vez pior, não frequenta a biblioteca, não frequenta a Arte, não frequenta a conferência, não procura estudar a técnica do ramo de industria ou commercio que explora. Não pensa que, mesmo como burguez, como ser parasitário, poderia, por dispor de tempo, adquirir larga copia de conhecimentos. Ele não lê jornais, lançando mão deles para observar as cotações cambiais, que trabalhosamente decifra.

Como vemos, não tem o menor requisito para ser um simples operário. Mas pouco se importa com isso; quer dinheiro, muito dinheiro e limita-se a exigir-lo do operário que lhe está sujeito, porque éle, o patrão, possui os instrumentos de produção. Quando muito, o burguez indigena, com essas excepções mínimas que morrem consigo próprias, frequenta apenas o café, onde permuta disparates com os da sua egualha, e o club, onde perde dinheiro à roleta e se enebria nos braços de prostitutas carcas.

Evidentemente, o burguez indigena sofre de um vicio do meio. Seus avós foram assim, seus pais assim foram, éle vai sendo assim e os filhos assim serão. O claro de liberdade que rasga o mundo inteiro, para ele consubstancia-se neste pensamento mesquinho: dinheiro, muito dinheiro. Com dez ganham, eis em que se cifram todos os anelos do burguez, que para os realisar, não hesita em lançar mão de todos os processos, ainda os mais repugnáveis. O Estado devia opor um travão aos seus maneios; mas se o Estado éle, se o Estado é sua pertença e rico, que explorará até por completo o esgotar! Não fundo queremos chegar apenas à conclusão, de que o burguez indigena por completo desconhece o

NOTAS E IMPRESSÕES

ARTE... DE MONTES

Diz para ai muito mortal que a Arte, a verdadeira Arte, é apenas a que consegue emocionar toda a gente, pois sendo ela, realmente uma maravilha do génio humano, todos a devem compreender, alevantando que os maiores artistas conhecidos foram Amphion e Orfeu. Não, isso não. Não há ninguém, nem possuindo muito boa vontade para me fazer crer, que me meta na cabeça a estafardaria patranha de que Amphion construiu a cidade de Tebas com a sua lira, porque esta das pedras avançaram ao som de qualquer hino, no compasso binário, estando o pedreiro embevecido a arranhar a ferramenta, lá me parece de mais. Por muito poderoso que fosse a arte do locador, não acredito que as próprias pedras se chegassem a mover tam fortemente, assim como não concebo que a música de Orfeu tivesse o condão de amansar as feras, sem que o seu canto, doce e melodioso, chegasse à afinação de encantar as divindades do inferno quando éle lá desceu para salvar sua mulher. Não, não vai.

Arte é para ser compreendida apenas por aqueles cuja educação e grau de cultura estão aptos a recebê-la. Mais nada.

Eu posso aplaudir um drama de Bernstein ou uma peça de Ibsen, porque me julgo com a preparação necessária para receber uma ou outra; mas o provinciano que veio pela primeira vez à cidade, procurará antes o seu prazer no Novo Mundo ou no Zé da Castanha, títulos que lhe dizem mais alguma coisa do que a *Rajada* ou os *Espectros*. O Sr. Jerónimo, de Albrecht Dürer deixará, naturalmente, extasiado, o senhor José de Figueiredo, mas o senhor Jorge Cardete passará por éle como cto por vinha vindimada. Eis como a educação influi na compreensão da Arte, é aqui está como, até agora, eu a julgava uma coisa sublime e grandiosa.

Sim. Eu suponha que a Arte se encontrava na National Gallery, em Londres, no Louvre, de Paris, no Museu do Prado, em Madrid, ou em Florença, nos Offícios, e que, por exemplo, a Lucrezia Fede, a pérfida e linda mulher do desventurado André do Sarto, o Julgamento de Paris, de Rubens, a Leda, de Tintoret, e tantas outras obras notáveis, espalhadas por esses museus do mundo, valiam alguma coisa. Eu suponha que Berlioz e Beethoven, Titu Rufo e Mongini, Du Cerceau e Lemerrier, Milton e Lamartine, Talma e Zaccari se poderiam orgulhar, uns nos seus títulos, outros nos seus palácios, por um dia se ter feito justiça ao seu talento. Suponha eu isso, mas afinal enganar-me. A Arte é mais alguma coisa do que o que eu pensava, e foi um jornal espanhol que ainda há bem poucos dias me disse quando, em corpo 32 renascença, lamentava, quasi a toda a largura da página, a decadência da Arte de Montes. Ora, este Montes — vá lá a explicação para aqueles que o ignorem — foi um toureiro, que é como quem diz,

Cada qual, bem entendido, procura Arte como a sua inteligência a deixa arder, mas quem vai a corridas de touros está fora deste preceito, porque aquilo, não é arte — tarrenço! — não é nada. O mais que pode ser é uma selvajaria para uso exclusivo dos povos peninsulares, pois nem mesmo os pretos, até agora, a tinham lá. Mas como o progresso é uma verigem e a civilização não para, algumas criaturas humanitárias foram já levar às longinquas paragens africanas a estúpida diversão, que muito deve ter surpreendido os negralhões, seguramente não nos supondo tam civilizados.

Eu estava convencido, até hoje, de que a Arte era a aplicação inteligente de conhecimentos adquiridos pelo estudo à realização duma idea, duma concepção mais ou menos audaciosa. Afinal, mais uma ilusão desfeita. Depois disto há ainda a Arte de Montes.

A Arte de Montes! mas antes, mil vezes, o Romão Gonçalves!

Antero de LIMA

A política em França

PARIS, 29. — Corre o boato de que, por ocasião da ratificação do Tratado da Paz, se travará nas câmaras um grande debate politico no qual o sr. Briand se colocará à frente do governo. Parece igualmente provável que este senhor e Delcassé tomem parte importante na discussão do Tratado.

A viagem do «Goliath»

CASA BLANCA, 28. — O aerobus *Goliath* chegou a 20 milhas ao norte de S. Luis do Senegal, navegando sem grande difficuldade. — H.

A aterrissagem do «Goliath»

PARIS, 28. — A aterrissagem do *Goliath*, entre S. Luis e Dakar, causou o maior espanto e determinou as mais estranhas manifestações nas aldeias pretas. — H.

O bolchevismo no Rheno

PARIS, 27. — Os mineiros da Prussia rhena retomarão o trabalho, tendo sido passados para a margem direita do Rheno os operários bolchevistas.

A conquista do ar

O comandante Read, que atravessou o Atlântico, vai tentar, com outros aviadores, o «raid» do Pacifico

WASHINGTON, 28. — A marinha de guerra dos Estados Unidos, a quem se deve a primeira travessia aérea do atlântico, ambiciona edificar hora para o pacifico. O comandante Read, que pilotou o NC-4 através do Atlântico, está preparando um hidro-aeroplano para a travessia do Pacifico. O preço de 50.000 dólares, oferecido pelo exército a quem primeiro realizasse essa façanha, chamou a atenção dos aviadores e fomentou a guerra preparada para ocorrer na travessia.

Prevenção

Previnem-se os sindicatos de Lisboa e provincia de que devem ter o máximo cuidado no auxilio a prestar a pretensos camaradas, pois nos consta que alguns veem a Portugal no exercicio de funções policiaes, abusando, portanto, da boa-fé dos trabalhadores que lhes prestam o seu auxilio.

Precisamente nesta ocasião encontra-se em Lisboa um camaradinho nessas condições. Esse individuo é de estatura regular, usa óculos com aros de ouro, veste casaco e calças esverdeadas, sendo ainda novo, com um pequeno bigode louro.

Cautela, pois, com o vigarista, que tendo já vindo a Lisboa, há cerca de três anos, ludibriando, então, vários camaradas nossos, agora se propõe de novo explorar com a boa-fé dos incautos.

Pela Hungria

Zangam-se as comadres... BUDAPESTE, 28. — Não resta a menor dúvida de que foi por causa da attitude do conselho supremo dos aliados que o arquiducado José e o presidente Friedrich pediram a demissão. — H.

Os novos ministros tomam posse

BASILEIA, 28. — Os novos ministros húngaros tomaram posse dos seus cargos. — H.

Na Alta Silesia

BRESLAU, 28. — A situação da alta Silesia melhora sensivelmente. — H.

Libro Vermelho do Terror Branco

O ditador Koltchak

A *Batalha* já narrou, meses atrás, como o ditador da Sibéria Ocidental, Koltchak, obteve o poder por meio dum golpe de Estado. A parte propriamente burguesa dum gabinete de colação entre cadetes e socialistas moderados, membros da Assembleia Constituinte, apoderou-se de todo o poder, com a cooperação da officialidade monárquica, e deu-o ao almirante Koltchak, chefe supremo.

Desde logo começou o terror. Alguns membros da Constituinte, alguns socialistas, ex-cônsules, não poder, foram mortos a tiro pela officialidade, quando estavam presos já e a luta tinha cessado. As prisões militares e civis encheram-se, tornando-se focos de moléstias contagiosas. Em Maio, só em Irkutsk, havia 17.000 presos, muitos deles à espera do fuzilamento ou da fôrca.

A tal ponto foi a reacção, que começaram a revoltar-se os camponeses, mesmo aqueles que se haviam insurgido antes contra os bolchevistas, caso que se deu, por exemplo, com uma aldeia camponesa, por um tal Bezsmery (o «mortal»).

O bolchevismo reacendeu mesmo sob o domínio de Koltchak e dos seus vieditadores nos diferentes pontos da Sibéria: Hovait, Kalmikoff, Semenov, Kianoff, etc., alguns deles bastante independentes do ditador supremo. Assim em Vladivostok, apesar da lei marcial, apesar do terror e das perseguições, os bolchevistas, numas eleições municipais, contaram 13.000 votos num total de 24.000. E se as tropas de ocupação, japonesas e aliadas, abandonassem a Sibéria, o reinado do almirante de terra firme e dos generais de *Kunt* de fôrca não duraria muitas horas, co-

TRIBUNA SINDICALISTA

Os poderes económicos da classe patronal

A quantidade de produtos obtida é, portanto, o consumo, isto é, o bem-estar em geral, proporcional à duração do trabalho da classe operária. Felizmente esta te-

labor, por conseguinte, os patrões, nã
fio de diminuir o custo da produç
e aumentarem os seus lucros, impo
longos dias de trabalho. O tem

po de presença na oficina era, dantes, mesmo para a mulher e a criança, de quinze a dezoito horas. Hoje, apesar da resistência dos patrões, acaba-se redu-

Os prolongados dias de trabalho são prejudiciais à saúde do operário e, produzindo outros pontos.

3.º — O poder de suprimir os salários nos casos em que o operário está inibido de trabalhar.

quanto a criança, produzem a verdadeira degenerescência da raça. Todas estas considerações de interesse geral, porém, desaparecem em face dos pro-

ventos que um longo labor garante aos patrões, únicos senhores de fixar as condições econômicas da produção, e impor a sua vontade.

2.º — Poder de fixar ao mínimo os salários e emolumentos. — A produtividade da ferramenta actual, a ser utilizada

em todos os ramos da produção, permitiria aumentar consideravelmente o consumo das massas e dar satisfação a todas as suas necessidades; mas os padecimentos, enfermidades, melhora-mentos nas circunstâncias em que os trabalhadores mais d'elles necessitam. As condições importantes dadas sob a for-

trões negam-se a aumentar os salários e, por conseguinte, o consumo, ao passo que a força do maquinismo se desenvolve. Guardam para si o lucro produzido de seguro pela legislação de certos países e os auxílios da caridade pública, então os únicos recursos com que operário pode contar.

O interesse dos patrões é que é a

verdadeira lei dos salários, lei que a todas as leis contém e resume. Em vão tem os economistas procurado outras. O patrão tende sempre a dar o

minimo salario, isto é, apenas o preciso para conservar a vida dos operários. Se a suspensão de trabalho põe ao seu dispor um fornecimento regular de bra-

ços desocupados, abaixa os salários; se os obreiros estrangeiros exigem menos que os nacionais, de preferência emprego estrangeiros. Os patrões aumentam completa de um certo número de trabalhadores e de suas famílias. Ainda lamentável do que a regra do mínimo que só determina

4.º—O poder de cobrar a sua parte na partilha.

por exemplo, da grandes ordenados aqueles que, a qualquer título, tem a gestão dos seus interesses, a contramestres, mecânicos, encarregados da con-

servação do maquinismo, etc., etc. Quanto às considerações que, olhando aos interessados, poderiam justificar um aumento de salários, nenhum valor possuem a autoridade de perceber cada um deles uma ou mais percepções. Os proprietários do solo também se uma renda variável conside-

Os salários não aumentam na razão do carácter difícil ou repugnante do trabalho.

trabalho; por exemplo, os ribeirinhos, limpa-latrinas, ou enfermeiros. Também não aumentaram em virtude dos rios corridos; os operários empre-

Os patrões, além do juro que
bram pelo capital que empregam
suas empresas, teem a autoridade
retirar sobre o produto do labor

uma elevação de ordenado, quando os patrões se podem furtar a isso; tanto que os engenheiros, os químicos, os técnicos de grande indústria, são aqui

A regra dos salários mínimos tem por
coisa: é a única limitar o consumo da gran-

Um facto aparentemente paradoxal

se produz mesmo nas nossas sociedades: o desenvolvimento do maquinismo tende a diminuir o bem-estar da classe operária em vez de o aumentar. É

facil de apresentar a prova desta asserção; o total dos salários é proporcional à quantidade de trabalho, porque os

patroes não paga ao operario quanto lhe não necessitam os serviços. Ora, diminuindo os progressos do maquinismo, para uma mesma soma de produ-

tos, a quantidade total de trabalho a executar, esses progressos diminuem, por conseguinte, a soma dos salários, e

**A solidariedade da corporação
da construção civil**

Apesar dos sacrifícios feitos de há semanas a esta parte, continuam os operários de construção civil a correspon-

der ao apelo feito pela respectiva Federação de Indústria, pró-solidariedade aos camaradas ferroviários, os quais tinham a consciência de que o governo

devido a casmurrice dum governo opressor, e de uma Companhia de reacionários confessos, continuam em greve, sem esperanças de uma solução hon-

Damos a seguir a toda das queles tiradas em diferentes obras e entregues durante a semana ontem finda:

Dependências da Casa Pia, 3487; Academia de Ciências, 4425; Jardim Colonial, 5638; Obra particular (rua de S. José), 4800; Obras de Santa Apolónia, 2603; Obras de S. J. B. 1670; Santos e Nogueira, 2420.

Cavaliaria n.^o 2, 161; Santos-O-Voto, 209;
Basílica da Estrêla, 1650; Cavaliaria n.^o 2,
1420; Parceria dos Vapores Lisboenses,
5905; Armazém do Chado, 2810; Escola Ma-
chado de Castro, 7655; Licen Pedro Nunes,
1000; Lda. (Cerveja Grande), 1000.

3670; Obra de José Maciel (Campo Grande), 3671; Obras da nova Morgue, 1875; Escola Naval, 4450; São Vicente, 7474; Tutoria da Infância, 2471; Transportes Marítimos do Estado (pintores) 12475; Obras do Hospital

da Estrela) 4900; Livraria, 500; Um grupo de operários do município (por conta) 13882; Oficina de carpintaria Monteiro e Fernandes, 3420; Obras da Sé, 4850; Escola Politécnica, 5150. Total, 111963.

A Biblioteca Popular de Lisboa funcionava no salão nobre do teatro S. Carlos, vai passar para o 2.º

das 13 horas, os documentos foram imediatamente chancelados para levantarmos a respectiva importância. — Pela comissão, *Gaudêncio Cardoso*.

Contribuição industrial Uma comissão de ourives procurou

ontem o ministro das finanças para tratar de interesses da classe, relativos à contribuição industrial. Foi atendida pelo chefe do gabinete primeiro tenente

nização do Código Administrativo tem reunido, por isso que, quando convocada, apenas o seu presidente, doutor Nunes, tem comparecido.

Festas operárias

Manufactores de Calçado
A direcção deste sindicato tomou co-

O operário electricista Mário dos S. perdeu ontem, desde a chegada do C. até a run da Emendim, uma carteira co-

uma sessão solene e uma quermesse segnida de sarau, numa das melhores sociedades de recreio.

CONTOS DE «A BATALHA»

SONOS

Seriam duas da madrugada quando cheguei a casa. A noite era clara e calma. Abri a janela e banhei-me de luar. A lua, muito redonda e pálida, dava palidez cadavérica, espargia a luz branca e fria sobre o Tejo e sobre o cemitério. Corria em baixo o rio todo branco como um grande traço de cal.

O cemitério possuía toda a tristeza que nos inspira o contraste do escuro com fundo e do branco sem vida. O branco, que o sol ilumina, arrancando reflexos intensos, é um hino à vida, é uma força que nos obriga a amar e nos impele para o futuro. O branco do mar, e vida passada, é a alma mística que se vota a um Deus estéril... arrastando-nos para o túmulo.

A alvorada dos mauseus com a sua frialdade de pedra, os ciprestes magros e negros aguçando-se até se perderem no espaço, convidam-me à tristeza. Mas como não sou triste por temperamento, não atrevo ao eco convulso do salpicado de estrelas, os versos laurientes do fado alcinha... Deleitei-me e adormeci.

La j'alto o sol. Acordei tarde, muito tarde.

Levantei-me; e ali, ali pouco familiarizado com a realidade, esfreguei os olhos, espreguei-me... até que, num rompão enérgico, sacudi os membros entorpecidos, arranhei-me, almooei e saí.

Quando entrei na mercearia ali perto, também as batatas iam altas, muito altas, iam a doze vinténs o quilo... e era tarde demais para procura-las noutra parte.

Assim aconteceu com o povo; deixá-se embalar nas discrições maravilhosas dos políticos; adormece; sonha com sociedades ideais; e quando acorda (ai, deleito!) é tarde, muito tarde...

Mário DOMINGUES.

Solidariedade operária

Encontra-se depositado na administração de *A Batalha* o produto das subscrições seguintes, abertas em favor de várias classes:

Operários marceniros, da semana anterior, 24\$34; Obras da Rua do Século, 44\$5, Soma, 24\$70.

Operários da Companhia das Águas: Transporte, 350; Pessoal da Fábrica Barros Santos—Vale Escuro, 25\$80; Obra da Rua do Século, 44\$5, Soma, 38\$75.

Artesão José Filipe, Obra da Escola de Reforma, 23\$5; Raul Pinto, 37\$0, Soma, 38\$05.

José Ferreira Clito, recebeu as seguintes quantias produto de *questes* abertas em seu favor, nas seguintes obras:

Encarnação, aberta por Castanheira, 23\$7; Gama Pinto, aberta por Cascais, 23\$5; Conservatório, aberta por Clito, 35\$34; Manicômio, aberta por G. Gomes, 23\$0; Machado Castro, aberta por A. Ferreira, 60\$00; Moeda, aberta por J. Oliveira, 36\$00; S. Vicente, aberta por Ramalheira e Rocha, 51\$1; Aquário Vasco da Gama, aberta por Abílio Carvalho, 35\$90; Tórtora da Infância, aberta por Melo, 14\$3, Soma 33\$23.

—A favor de Joaquim Henrique da Fonseca, foi aberta no Liceu Pedro Nunes, por Abel Pereira de Araújo, uma *queste* que rendeu 39\$00.

Greves em Marselha

MARSELHA, 28.—Os trabalhadores das docas, estivadores e carvoeiros, em greve pedem 8 horas de trabalho e 20 francos de jornal.—H.

Juventudes Sindicalistas

Núcleo Juvenil Operário. — Com este título acaba de organizar-se em Lisboa este núcleo, que tem por fim educar e preparar os jovens para dar entrada nos seus sindicatos profissionais, assim como promover visitas de estudo e sessões de propaganda, sendo os oradores os próprios jovens.

Este núcleo resolveu dar todo apoio às Juventudes Sindicalistas, pela forma corporativa que se tem manifestado até a data.

Resolveu, em última reunião, organizar um bufete e um grupo dramático, bem assim realizar excursões, assim como promover visitas de estudo e sessões de propaganda, sendo os oradores os próprios jovens.

Este núcleo já conta 40 sócios, sendo a maioria de estudantes.

A comissão administrativa ficou composta pelos camaradas Amaro Rezende, secretário geral; Artur Cardoso, 2.º secretário; Heliodoro Simões, tesoureiro adjunto; António P. Torralva, tesoureiro.

Toda a correspondência deve ser dirigida para António P. Torralva, através do Zangado, 35, em frente ao Campo de Santa Clara.

Núcleo do 1.º Bairro. — Realiza-se hoje a reunião de estudo do Núcleo do 1.º Bairro. Espera-se a presença de todos os jovens e de 15 horas prefatas. Convidam-se igualmente todas as camaradas de outros núcleos.

Lisboa. — Centro de Estudos. — A comissão administrativa ficou composta pelos camaradas Amaro Rezende, secretário geral; Artur Cardoso, 2.º secretário; Heliodoro Simões, tesoureiro adjunto; António P. Torralva, tesoureiro.

Procedeu-se depois à nomeação da comissão organizadora do Núcleo do 1.º Bairro. Os membros da comissão são: Amaro Rezende, secretário geral; Artur Cardoso, 2.º secretário; Heliodoro Simões, tesoureiro adjunto; António P. Torralva, tesoureiro.

As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda. As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda.

As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda. As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda.

As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda. As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda.

As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda. As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda.

As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda. As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda.

As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda. As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda.

As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda. As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda.

As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda. As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda.

As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda. As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda.

As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda. As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda.

As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda. As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda.

As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda. As comissões demissionárias continuam as suas reuniões de estudo e de propaganda.

A BATALHA

na Província

ALMADA, 30

O comício de União dos Sindicatos proletários em greve — O comércio encerra as suas portas

Conforme fora noticiado realizou-se hoje o comício promovido pela U. S. O. de Almada, para tratar do conflito dos camareiros da família, que se mantém há 15 dias em greve.

Presidiu o comício Siderio dos Santos, secretário-geral do Benigno António e José Aires. Falou em primeiro lugar o camarada presidente, que verificou o procedimento da Companhia Aliança que para pagar os salários dos camareiros, tinha enviado a Almada um novo consumidor, falsificando o diagrama, misturando grande quantidade de roupa, na família que apanha a roupa.

Falou em seguida o camarada Manuel de Oliveira, presidente da Associação dos Camareiros, que historiou o movimento das famílias, afirmando estarem os camareiros dispostos a prosseguir na luta até que justiça lhes seja feita.

Seguiu-se o camarada David, que referenciou a greve dos operários das fábricas de conservas, dizendo que os operários das que nesta cidade trabalham são os que mais mal pagos estão, razão porque pedem aumento de salário para as mulheres.

José Alaiç, da U. S. O., diz que, enquanto os proprietários da fábrica regatam os operários mais um pouco de pão, temendo já, e continuam gastando grossas quantias com a tropa para proteger a liberdade de tráfego.

Valente afirmou que enquanto as autoridades amedrontam os trabalhadores com a ameaça de expulsão da cidade, os exploradores da miséria do povo provocam a desordem com as suas estapúrias, tomadas contra as justas reclamações dos camareiros, que em última instância recorrem à greve.

Falaram por último, os camaradas Tomás de Almeida, corticeiro, e A. Rodrigues da Silva, operário da Companhia Aliança, que tiveram palavras ásperas para a empresa da fábrica do Camarão, terminando por dar todo o seu apoio aos grevistas.

Por último foi aprovada a seguinte moção:

Considerando que a greve dos nossos camaradas camareiros, que tem origem no cerceamento do horário das oito horas, considerando que esse movimento mantém-se indecisa, por parte dos grevistas, que, através de sacrifícios, tentam manter bem alto a dignidade colectiva; considerando que o operariado do concelho de Almada, ao fazer a greve, não se esquece das velhas tradições da sua classe, velhas tradições de luta e de solidariedade; não faltará com elas aos estóicos camaradas camareiros; considerando que as acusações feitas aos grevistas são verdadeiras, porquanto elas são de tolos e de ignorantes, conhecidas, o operariado do concelho de Almada, reunido em comício público, resolve:

1.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

2.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

3.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

4.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

5.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

6.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

7.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

8.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

9.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

10.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

11.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

12.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

13.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

14.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

15.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

16.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

17.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

18.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

19.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

20.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

21.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

22.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

23.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

24.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

25.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

26.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

27.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

A BATALHA

na Província

ALMADA, 30

O comício de União dos Sindicatos proletários em greve — O comércio encerra as suas portas

Conforme fora noticiado realizou-se hoje o comício promovido pela U. S. O. de Almada, para tratar do conflito dos camareiros da família, que se mantém há 15 dias em greve.

Presidiu o comício Siderio dos Santos, secretário-geral do Benigno António e José Aires. Falou em primeiro lugar o camarada presidente, que verificou o procedimento da Companhia Aliança que para pagar os salários dos camareiros, tinha enviado a Almada um novo consumidor, falsificando o diagrama, misturando grande quantidade de roupa, na família que apanha a roupa.

Falou em seguida o camarada Manuel de Oliveira, presidente da Associação dos Camareiros, que historiou o movimento das famílias, afirmando estarem os camareiros dispostos a prosseguir na luta até que justiça lhes seja feita.

Seguiu-se o camarada David, que referenciou a greve dos operários das fábricas de conservas, dizendo que os operários das que nesta cidade trabalham são os que mais mal pagos estão, razão porque pedem aumento de salário para as mulheres.

José Alaiç, da U. S. O., diz que, enquanto os proprietários da fábrica regatam os operários mais um pouco de pão, temendo já, e continuam gastando grossas quantias com a tropa para proteger a liberdade de tráfego.

Valente afirmou que enquanto as autoridades amedrontam os trabalhadores com a ameaça de expulsão da cidade, os exploradores da miséria do povo provocam a desordem com as suas estapúrias, tomadas contra as justas reclamações dos camareiros, que em última instância recorrem à greve.

Falaram por último, os camaradas Tomás de Almeida, corticeiro, e A. Rodrigues da Silva, operário da Companhia Aliança, que tiveram palavras ásperas para a empresa da fábrica do Camarão, terminando por dar todo o seu apoio aos grevistas.

Por último foi aprovada a seguinte moção:

Considerando que a greve dos nossos camaradas camareiros, que tem origem no cerceamento do horário das oito horas, considerando que esse movimento mantém-se indecisa, por parte dos grevistas, que, através de sacrifícios, tentam manter bem alto a dignidade colectiva; considerando que o operariado do concelho de Almada, ao fazer a greve, não se esquece das velhas tradições da sua classe, velhas tradições de luta e de solidariedade; não faltará com elas aos estóicos camaradas camareiros; considerando que as acusações feitas aos grevistas são verdadeiras, porquanto elas são de tolos e de ignorantes, conhecidas, o operariado do concelho de Almada, reunido em comício público, resolve:

1.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

2.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

3.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

4.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

5.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

6.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

7.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

8.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

9.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

10.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

11.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

12.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

13.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

14.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

15.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

16.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

17.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

18.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

19.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

20.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

21.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

22.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

23.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

24.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

25.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

26.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

27.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

A BATALHA

na Província

ALMADA, 30

O comício de União dos Sindicatos proletários em greve — O comércio encerra as suas portas

Conforme fora noticiado realizou-se hoje o comício promovido pela U. S. O. de Almada, para tratar do conflito dos camareiros da família, que se mantém há 15 dias em greve.

Presidiu o comício Siderio dos Santos, secretário-geral do Benigno António e José Aires. Falou em primeiro lugar o camarada presidente, que verificou o procedimento da Companhia Aliança que para pagar os salários dos camareiros, tinha enviado a Almada um novo consumidor, falsificando o diagrama, misturando grande quantidade de roupa, na família que apanha a roupa.

Falou em seguida o camarada Manuel de Oliveira, presidente da Associação dos Camareiros, que historiou o movimento das famílias, afirmando estarem os camareiros dispostos a prosseguir na luta até que justiça lhes seja feita.

Seguiu-se o camarada David, que referenciou a greve dos operários das fábricas de conservas, dizendo que os operários das que nesta cidade trabalham são os que mais mal pagos estão, razão porque pedem aumento de salário para as mulheres.

José Alaiç, da U. S. O., diz que, enquanto os proprietários da fábrica regatam os operários mais um pouco de pão, temendo já, e continuam gastando grossas quantias com a tropa para proteger a liberdade de tráfego.

Valente afirmou que enquanto as autoridades amedrontam os trabalhadores com a ameaça de expulsão da cidade, os exploradores da miséria do povo provocam a desordem com as suas estapúrias, tomadas contra as justas reclamações dos camareiros, que em última instância recorrem à greve.

Falaram por último, os camaradas Tomás de Almeida, corticeiro, e A. Rodrigues da Silva, operário da Companhia Aliança, que tiveram palavras ásperas para a empresa da fábrica do Camarão, terminando por dar todo o seu apoio aos grevistas.

Por último foi aprovada a seguinte moção:

Considerando que a greve dos nossos camaradas camareiros, que tem origem no cerceamento do horário das oito horas, considerando que esse movimento mantém-se indecisa, por parte dos grevistas, que, através de sacrifícios, tentam manter bem alto a dignidade colectiva; considerando que o operariado do concelho de Almada, ao fazer a greve, não se esquece das velhas tradições da sua classe, velhas tradições de luta e de solidariedade; não faltará com elas aos estóicos camaradas camareiros; considerando que as acusações feitas aos grevistas são verdadeiras, porquanto elas são de tolos e de ignorantes, conhecidas, o operariado do concelho de Almada, reunido em comício público, resolve:

1.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

2.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

3.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

4.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

5.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

6.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

7.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

8.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

9.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

10.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

11.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

12.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

13.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

14.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

15.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

16.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

17.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

18.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

19.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

20.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

21.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

22.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

23.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

24.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

25.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

26.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

27.º Protestar contra o auxílio e por todos os meios aos camareiros da família e demais trabalhadores da indústria e do comércio, que se encontram em greve.

A BATALHA

na Província

ALMADA, 30

O comício de União dos Sindicatos proletários em greve — O comércio encerra as suas portas

Conforme fora noticiado realizou-se hoje o comício promovido pela U. S. O. de Almada, para tratar do conflito dos camareiros da família, que se mantém há 15 dias em greve.

Presidiu o comício Siderio dos Santos, secretário-geral do Benigno António e José Aires. Falou em primeiro lugar o camarada presidente, que verificou o procedimento da Companhia Aliança que para pagar os salários dos camareiros, tinha enviado a Almada um novo consumidor, falsificando o diagrama, misturando grande quantidade de roupa, na família que apanha a roupa.

Falou em seguida o camarada Manuel de Oliveira, presidente da Associação dos Camareiros, que historiou o movimento das famílias, afirmando estarem os camareiros dispostos a prosseguir na luta até que justiça lhes seja feita.

Seguiu-se o camarada David, que referenciou a greve dos operários das fábricas de conservas, dizendo que os operários das que nesta cidade trabalham são os que mais mal pagos estão, razão porque pedem aumento de salário para as mulheres.

José Alaiç, da U. S. O., diz que, enquanto os proprietários da fábrica regatam os operários mais um pouco de pão, temendo já, e continuam gastando grossas quantias com a tropa para proteger a liberdade de tráfego.

Valente afirmou que enquanto as autoridades amedrontam os trabalhadores com a ameaça de expulsão da cidade, os exploradores da miséria do povo provocam a desordem com as suas estapúrias, tomadas contra as justas reclamações dos camareiros, que em última instância recorrem à greve.

Falaram por último, os camaradas Tomás de Almeida, corticeiro, e A. Rodrigues da Silva, operário da Companhia Aliança, que tiveram palavras ásperas para a empresa da fábrica do Camarão, terminando por dar todo o seu apoio aos grevistas.

Por último foi aprovada a seguinte

Câmara Municipal de Lisboa

O funcionamento do «Cinema Condes» constitui um crime

O sr. Manuel Martinho diz que a imprensa teatral, Variedades Limitada, pediu autorização, que declarou entender necessária, para na sala de espectáculos do «Cinema Condes», situado na Avenida da Liberdade, fazer várias modificações que constavam de plantas que havia juntado ao processo. A comissão executiva, em virtude do comando do Corpo de Bombeiros ser em absoluto contrário à concessão da licença para a obra, indeferiu o requerimento. O teatro há muito que estava condenado, diz o orador, sob o ponto de vista de segurança pública em caso de incêndio ou pânico e agora pretendia-se aumentar de uma maneira sensível a lotação da sala continuando a existir o mesmo número de saídas para o exterior, assim como suprimir uma escada que comunicava a primeira ordem com a plateia.

Estas alterações tornavam mais precárias ainda as condições de segurança do edifício, que, como havia já dito, estava condenado de há muito como teatro, sendo permitido superiormente o seu funcionamento como cinematógrafo, cumprindo-se várias cláusulas, entre as quais que diminua a lotação da sala.

Pois o sr. governador civil sem se importar com o parecer do comando do Corpo de Bombeiros nem com a resolução da câmara, atendeu os desejos da empresa. O funcionamento do «Cinema Condes» constitui um crime, e consequentemente a comissão executiva devia tornar bem público que indeferiu o pedido da empresa, para no caso de se dar qualquer sinistro e morrerem algumas centenas de pessoas não se atribua a responsabilidade para cima da câmara.

O sr. Joaquim Domingues pergunta com que direito o sr. governador civil anulava as resoluções da câmara em assuntos que inquestionavelmente a câmara tinha direito de julgar, que a tutela à câmara tinha acabado com a revolução de 5 de Outubro, mas via que se havia enganado pois era exercida pelo sr. governador civil. O orador protesta indignado contra o atentado às regras municipais pois entende que elas não podem estar à mercê de qualquer governador civil. Não é admissível que se executem obras sem autorização da câmara e que se permita o funcionamento de uma casa de espectáculos, quando a entidade técnica competente diz que isso constituiria um grave perigo para os espectadores.

Protesta contra actos que são atentados à autonomia municipal e declara que pela sua parte procurará por todas as formas fazer respeitar os direitos e regras da câmara.

O sr. Paiva e Pina observa que o sr. governador civil se agarrara a um regulamento dos teatros e era contra tal regulamento que se deveria protestar energicamente visto que cercava a câmara atribuições que só a ela deveriam pertencer. Há tempos diz o orador, se dera uma questão idêntica acerca do teatro Eden. O governador civil colhia elementos das repartições técnicas competentes e depois resolvia. O comando do Corpo de Bombeiros não concordou e segundo o seu modo de ver, muito bem, de como se encontrava a lotação e pela forma como tal se fazia. Foi isso mesmo que o orador disseira ao sr. Abreu de Carvalho, que o tinha procurado para tratar da questão do «Cinema». De facto concluiu o sr. Paiva e Pina não se compreende que vão obter esclarecimentos a entidades técnicas e se resolve em contrário do que elas dizem.

O sr. Augusto Cesar dos Santos diz que depois do célebre e interessante caso do «Eden» a que a imprensa largamente se referiu, não lhe parece que o género apareça coisa que possa surpreender ou mesmo cause admiração. E enquanto resoluções energéticas não forem adoptadas escusado será querer fazer respeitar as regras municipais.

O sr. Paiva e Pina diz que no teatro sucedia isto: O bombeiro avisava, por exemplo, a autoridade policial que o teatro não podia ou não devia funcionar, esta telefonava por sua vez para o governador civil e este respondia que mandasse funcionar o teatro sob a sua responsabilidade.

O sr. Alberto Tóia diz que se tem estado a interpretar a lei ou regulamento, sobre casas de espectáculo por uma forma errónea, pretendendo-se dar ao governador civil atribuições que não lhe pertencem nem lhe devem pertencer. Atribuições do governador civil é apenas a de manter a ordem e fazer respeitar as leis e as posturas municipais. Ora há posturas municipais posteriores ao regulamento que tem de ser respeitadas. Para se fazerem obras em quaisquer propriedades, sejam simples barracas ou palácios, é necessário que a Câmara aprove os respectivos projectos e conceda a licença necessária. Há remédios para tudo, diz o orador: Se a empresa não tem licença para as obras que está fazendo, intimou-se a parar com elas e não sendo as intimações cumpridas tem a Câmara a acção judicial, e em seguida é-lhe dada por sentença autorização para a demolição das obras. Entende que sobre este como outros assuntos de carácter jurídico se deveria ouvir o advogado sândico.

O orador protesta energicamente contra os continuos atentados contra as prerrogativas do município e declara que a um representante do povo de Lisboa a veracção não pode por forma alguma estar debaixo das ordens do governador civil e tem de reagir e de fazer valer a sua autoridade. O povo de Lisboa não os elegem para receberem ordens do sr. governador civil mas para administrarem os interesses da cidade, elaborando as suas posturas e regulamentos com os poderes que lhe eram conferidos pelo Código Administrativo aprovado no Congresso da República pelos representantes do país. Segundo o seu colega Manuel Martinho o informara, no Teatro Apolo, estavam-se também fazendo obras sem licença da Câmara. Ora é preciso provar que a Câmara existe e dar uma lição que sirva de exemplo. As empresas, em geral quando se fundam já incluem nos arrendamentos que pagam os cordelinhos por detrás delas e são eles que tudo pretendem emburrar e tudo procuram

desrespeitar. O sr. Abreu de Carvalho, diz o orador, em lugar de jurista consulto encontrava-se transformado em homem de film de arte, das fitas sensacionais, do «Bigodinho» e do Max Linder. Há remédio para evitar os abusos que se praticam atentatórios dos direitos dos municípios e se o Eden conseguiu funcionar contra a opinião do comando do Corpo de Bombeiros, fora por que o Eden tinha lampada acesa em casa de Meca. Termina o sr. Tóia por declarar que desde já receitava a aplicação do remédio que constará da proposta que já enviara para a mesa.

Atendendo às gravíssimas responsabilidades que podem advir para a vida dos municípios com a aprovação por parte do governador civil do projecto de aumento de lotação do Cinema Condes, isto contra o parecer expresso do comando dos bombeiros e da comissão executiva da câmara, propõe-se que se comunique ao mesmo comando dos bombeiros para não fornecer o piquete do serviço de incêndios indispensável ao funcionamento do mesmo cinematógrafo.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade, ficando o sr. Manuel Martinho com a missão de ouvir o sr. advogado sândico sobre embargos das obras.

Segundo nos consta a câmara não tem nas leis em vigor poderes para embargar as obras quer elas sejam feitas sem licença e projecto aprovado quer sejam fora desses projectos. O que a câmara pode e tem feito é ir intimando o proprietário a parar com a obra multando-o e no caso das intimações não serem cumpridas levar acção judicial pelo contencioso. Em todas as acções desse género as sentenças tem sido favoráveis à câmara que fica com poderes.

Vai desaparecer a placa central do Rossio

Por unanimidade foi aprovada a proposta seguinte dos srs. Cesar dos Santos e Joaquim Domingues:

Considerando que o trânsito em muitas das ruas da cidade tem aumentado em proporções de tornar perigosa a passagem em determinados pontos, pela grande quantidade de veículos e peões que se apercebem e cruzam;

Considerando que um dos pontos de maior e mais justificada importância é o Rossio, onde a acumulação de eléctricos, automóveis, carruagens de praça em trânsito ou paradas ameaçam constantemente a vida do pedestre e a segurança dos veículos;

Considerando que a solução mais adequada para reduzir estes inconvenientes bem conhecidos de todos nós foi necessário regular o trânsito de veículos da melhor forma possível, e certo, mas tão abstrata que não é imediatamente aplicável a objectos quando haja de se atravessar o Rossio do oriente para occidente;

Considerando que a passagem entre o teatro Nacional e a esplanada norte-nordeste do Rossio é perigosíssima não só pela dificuldade de toda a sorte de viaturas, como também pela qualidade do pavimento;

Considerando que a forma porque se faz hoje o serviço dos carros eléctricos em frente do teatro, já tem originado a morte de algumas pessoas e que a permanência de veículos em trânsito, por vezes chega a interromper-lhe o trânsito;

Considerando que este estado de coisas é incompatível com o progresso de uma cidade moderna, e vergonhoso que continue na primeira praça da cidade;

Considerando que não há direito para expor a vida de quem quer que seja a perigos semitras;

Considerando que a Câmara tem o principal dever de olhar pelo bem-estar e segurança dos seus cidadãos;

E considerando que a Câmara possui os meios e a autoridade necessários para resolver e remediar este mal; propõem:

1. Que se suprima a placa central do Rossio, de forma a respeitar o monumento e as fontes decorativas e a permitir a travessia rápida do Rossio em condições de fácil regulamentação do trânsito;

2. Que os passeios laterais sejam quanto possível alargados sem prejuízo para o trânsito das ruas do Oiro e Augusta;

3. Que os trabalhos principiem desde já, ficando a repartição respectiva obrigada a apresentar a cada três meses um projecto elaborado de harmonia com esta proposta e mais condições técnicas a que haja de atender;

4. Que a repartição faça esse projecto tendo em vista a regulamentação do trânsito e particularmente a do serviço dos eléctricos, com a qual repartição a respectiva Companhia deverá entender-se para esse fim;

5. Que esse projecto venha acompanhado de uma memória justificativa de todos os seus detalhes;

6. Que se atenda também a estética e à importância excepcional do local.

A questão das águas

Segundo declaração do vereador do peão de limpeza e regas, sr. Alberto Tóia, o motor eléctrico que tem funcionado na rua da Prata para elevação das águas do subsolo, foi ali instalado pela Câmara Municipal de Lisboa, fim de substituir a fiação das águas por meio da máquina a vapor que estava prejudicando o comércio local. Assim, a iniciativa e o aproveitamento da água pertence à Câmara Municipal e nunca à Companhia das Águas de Lisboa.

Autóptas—Sob a presidência do juiz auxiliar e peritos d.ªs. Asdrubal de Aguiar e Gerardo Brites, escreveu Vasques, efectuaram-se ontem as autóptas de Olímpia Castelo Carvalho, que faleceu no hospital da Estafania e que ficou queimada na avenida de Santa Rita. O corpo foi levado para o hospital de S. José e foi atropelado por um eléctrico e a de António Silvestre, que também faleceu no mesmo hospital, tendo sido atropelado, por um camion do P. A. M. em Benfica.

Para a enfermaria 10 (Santo Alberto) do hospital de S. José, onde foi conduzido um auto da Cruz Vermelha, deu entrada Achilles de Araújo, de 18 anos, torneiro mecânico, residente na avenida Heliodoro Salgado, que enu próximo da residência, fracturando a perna esquerda.

Queixou-se a polícia Olívia de Figueiredo, de D. Estafania, 35, 2.ª, de que um seu irmão lhe embolsou sem a sua autorização uma máquina de costura, no valor de \$3800.

Foram presos dois indivíduos, um deles acusado de furar um atado de ouro no valor de \$800, o José Alves Ramos; rua da Padaria, 28, e o outro de vadiagem e de vários roubos feitos a bordo de fragatas.

Foram enviados para juízo: um fil. Santos, acusado de roubar Francisco Paulino, rua de 5 de Outubro, na Trataria, de ter ido em seu nome a sacção de madeiras na rua do Coelho da Rocha, pertencente a António Joaquim Neto e levar madeiras na importância de \$600, que vendeu a Bernardino Lourenço, rua Maria Pia, 20, 1.ª, e por \$350, a D.ª Estafania, acusado de roubar o filio José de Brito, Quintal do Pombal, de ter confiado uma mala com \$1000, que furtou vários objectos no valor de \$300, que embolsou por \$200.

Foram presos, pelo agente José Augusto, duas mulheres, uma delas acusada de, estando a servir em casa de Susana Matilde Ferreira, rua da Glória, 37, 2.ª, furtar de combinação com a outra, 50 libras e meia, uma moeda de 20 marcos, três de 20 francos e duas moedas, uma de dez e outra de 500, o furto foi-lhes apreendido.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Faleceram ontem e sepultam-se hoje as seguintes pessoas: Francisco Mendes Lopes, 12, da estação do Cais do Sodré; José Maria Raposo, 11, do hospital de S. José; José da Silva Cavaleiro, 10, da rua da Condesa; António Costa Junior, 10, da rua Maria Andrade, 35; D. Judite Ramos da Graça, 16, da Mourgue; D. Guilhermina Maria, 17, do hospital do Rego; D. Olímpia Castelo Carvalho, 10, do hospital da Estafania; António Alves Esteves, 16, da rua Castelo Branco Saravia, 13; D. Líbula Marques, 16, da rua do Conde das Águas, 41; D. Conceição dos Reis, 11, do hospital de S. José; Sebastião José, 13, da rua do Alentejo, 30; Francisco José de Amorim, 13, da rua da Madalena, 97; menina Alice da Silva, 15, da travessa do Arco, 23.

Realiza-se hoje, pelas 10 horas, o funeral da camarada Álvaro Gaspar, que adoeceu repentinamente quando trabalhava no Parque Eduardo VII, indo para o hospital onde faleceu no dia seguinte. O prelo sai do hospital de S. José, para o cemitério do Alto de S. João.

Tendo falecido o camarada José Maria Raposo, a direcção da Associação dos Esportadores e Decoradores, de que o extinto era sócio, convidou todos os filiados a acompanhar o seu funeral, que sairá do hospital de S. José, pelas 11 horas de hoje.

OBITUÁRIO

Cadáveres inumados no dia 29 do corrente:

Alto de S. João: Felismina de Jesus, 31 a.; Luis Baptista, 16 a.; Joaquim Pereira, 61 a.; um feto; Gilberto da Costa Gomes, 6 m.; José Lourenço Diniz de Abreu, 42 a.; José Leitão, 61 a.; Albertina Galvão Rodrigues, 11 a.; Judite Ramos da Graça, 19 a.

Pracense: Fernando Estevão da Silva, 5 a.; Antunes: António Joaquim Dias, 2 a.

Ajudas: António Lopes dos Santos, 33 a.; Ernestina Moreira Marinho da Fonseca, 4 m.; Dalina da Conceição, 13 m.; António dos Santos, 31 a.; Armando Lopes Marques, 2 m.; José da Almeida Dias, 5 m.; Maria da Silva, 10 m.; Adelaide Maria Almeida Rodrigues, 70 a.; António Augusto Guerra, 28 a.

Cruz Vermelha

No posto do Terreiro do Paço, fizeram-se ontem 12 curativos de urgência a indivíduos vítimas de pequenos desastres e 70 de repetição e de injeção 8 de urgência e 30 de repetição. Os autos conduziram aos hospitais 29 doentes.

O TEMPO

Temperatura do ar em 29-10-1918: 20,8; Porto, 19,0; Coimbra, 18,6; Madrid, 7; Vento: Lisboa, NNE; Porto, NNE; Coimbra, NNE; Madrid, 7.

Tempo predito para hoje: Vento fraco ou moderado de NNE e NW. Céu nublado ou de algumas nuvens.

MOVIMENTO MARITIMO

Entradas em 30

«Hollandia» vapor holandês, de Buenos Ayres; «Hilgeland» vapor inglês, de Londres; «Tana» vapor inglês, de Glasgow; «Brandenburg» vapor inglês, de Marselha; «Mont Saint Clair» vapor belga, de Bordéus; «Olebrava» vapor inglês, de Manaus; «S. Pauli» chalupa francesa, de Brest; «Monqueros» vapor italiano, de Portimão.

Saídas

«Hollandia» vapor holandês, para Amsterdam; «Hilgeland» vapor inglês, para New-York; «Standard» vapor português, para Setúbal; «Dakum» vapor inglês, para Balaor; «Manchava» vapor americano, para Hampton; «Hilgeland» vapor inglês, para Liverpool.

CARPINTEIROS

Para oficina, precisam-se. Rua dos Correios, 119-121. (308)

TUBO de chumbo

Agua e Gás. Tubo de ferro fundido para algerozes de 4". Um motor a gaz pobre completo Socoport 30 HP. Serra circular com mesa de ferro e três folhas. Uma ventoinha 7" 3/4. Duas enfardadeiras para palha. Uma enfardadeira para cortiça. Madeira para caixas. Taboado diverso. Vimeiro. Vergalhão de ferro novo 4" 3/4 quadrado. Aço francês especial para minas 1" 1/4 oitavado. Folhas novas de moles. Ferragem diversa para navios. Fio de canhamo francês em bobinas. Vende: A. B. dos Reis. Cais do Sodré, n.º 52

VEJAM TODOS

Botas quasi de graça

Grande saldo de botas em calf para homem a \$350 QUALIDADE GARANTIDA

JOÃO SALGADO OLIVEIRA 60—Rua de Santo Antão—64

Jesus na Guerra

O mártir de Golgota volta à terra, a observar os frutos produzidos pela sua propaganda revolucionária, há perto de dois mil anos efectuada. Encontra a guerra, o massacre, a pilhagem, a violência. E de novo recomega predicando a fraternidade, o desinteresse. Os homens de agora, tão bons como os de outrora, não o compreendem. E Jesus morre, uma segunda vez, na apostolado sublime que o impulsiona. Tal é o motivo da fantasia de Adrian del Valle, fantasia concebida em intuitos de evangelização revolucionária e emancipadora.

Jesus na Guerra

tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de apreço.

Um elegante volume, artisticamente aguçado na capa, claramente impresso, bom papel.

PREÇO \$50 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª

Jesus na Guerra

tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de apreço.

Um elegante volume, artisticamente aguçado na capa, claramente impresso, bom papel.

PREÇO \$50 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª

Jesus na Guerra

tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de apreço.

Um elegante volume, artisticamente aguçado na capa, claramente impresso, bom papel.

PREÇO \$50 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª

Jesus na Guerra

tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de apreço.

Um elegante volume, artisticamente aguçado na capa, claramente impresso, bom papel.

OPTIMO CAFÉ

Quilo \$80, EM PACOTES DE 125 E 250 GRAMAS

PERFUMARIAS — «MENNEN'S» — AMERICANAS — Os melhores produtos de beleza conhecidos. Descontos aos revendedores

215 Rua Augusta, 70, 2.ª — Telef. C. 1196

OURO!!!

Mais barato e não se paga feição — Só milagre!!!

OURO

Compre na conhecida e acreditada casa Paiva e Fraga. Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos de 2.ª mão renovados com pouco feição.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Galoias TELEFONE 3676

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelarios Grande sortimento em chapéus, lisos e mesclados em cores lindíssimas, formados dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE COCO, SEDA E FLAMAU Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 33, 1.ª

Estabelecimentos Sêde: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 4.ª

2.ª Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: Rua do Arco do Marquês do Alegrete, 56, 63

FABRICA DE BONETS Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo) (82)

COMPANHIAS DE SEGUROS FRANCESAS

L'UNITÉ-L'UNIVERS-L'ILE DE FRANCE

Capital 17.000.000,00 francos (EM PREPARAÇÃO PARA PORTUGAL)

Representante: J. FORCADA

Praça do Município, 13

“A BATALHA”

DIÁRIO OPERÁRIO DA MANHÃ

Redacção e administração

CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.ª

Lisboa—PORTUGAL

Enderço telegráfico—Talhava—LISBOA

ASSINATURAS

Pagamento rigorosamente adiantado

Lisboa: 1 mês, \$60—Portugal, Ilhas, Colónias e Espanha, 3 meses, 1,70; 6 meses, 3,40; 1 ano, 6,80. Territórios da União Postal: 6 meses, 5,20; 1 ano, 10,40.

Não se aceitam pedidos de assinatura que não venham acompanhados da respectiva importância.—A despesa da cobrança que tiver de ser feita pelo correio é aumentada ao preço da assinatura

ANÚNCIOS

Recebem-se, bem como reclamações, avisos, comunicados e qualquer outra publicação idêntica, aos preços da tabela, na administração da Batalha, nas agências Havas, Bastos & Gonçalves, Americana, etc.

Comunicados e anúncios, quando contêm acusações a particulares ou relativos à vida privada seja de quem for, não se publicam, reservando-se o direito à administração de A Batalha de recusar anúncios ou qualquer outra matéria paga quando, por motivo de ordem moral, entenda dever recusar.

A cargo do anunciante o imposto de selo, 2 centavos

Acceitam-se anúncios de todo o país, ilhas, colónias e estrangeiro.

VEJAM TODOS

Botas quasi de graça

Grande saldo de botas em calf para homem a \$350 QUALIDADE GARANTIDA

JOÃO SALGADO OLIVEIRA 60—Rua de Santo Antão—64

Jesus na Guerra

O mártir de Golgota volta à terra, a observar os frutos produzidos pela sua propaganda revolucionária, há perto de dois mil anos efectuada. Encontra a guerra, o massacre, a pilhagem, a violência. E de novo recomega predicando a fraternidade, o desinteresse. Os homens de agora, tão bons como os de outrora, não o compreendem. E Jesus morre, uma segunda vez, na apostolado sublime que o impulsiona. Tal é o motivo da fantasia de Adrian del Valle, fantasia concebida em intuitos de evangelização revolucionária e emancipadora.

Jesus na Guerra

tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de apreço.

Um elegante volume, artisticamente aguçado na capa, claramente impresso, bom papel.

PREÇO \$50 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª

Jesus na Guerra

tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de apreço.

Um elegante volume, artisticamente aguçado na capa, claramente impresso, bom papel.

PREÇO \$50 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª

Jesus na Guerra

tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de apreço.

J. FORCADA & C.ª

COMISSÁRIOS DE AVARIAS

Corretagem e angariação de Seguros

PRAÇA DO MUNÍCIPIO, 13

Calçado Barato

Só vende o

CANDEIAS

INTENDENTE (defronte do hafariz)

363

Nova lei de responsabilidade civil

(Decreto com força de lei de 10 de Maio de 1919)

Todos os proprietários de carroças, trens, bicicletas, motocicletas, automóveis, ascensores, guindastes, etc., etc., tem hoje absoluta necessidade de segurar contra o risco de Responsabilidade civil.

Pedir o exemplar da nova lei e propostas a A MUNDIAL que estabeleceu prémios de competência e propaganda. Condições especiais para as empresas de transportes de passageiros e mercadorias.

Sede em Lisboa: R. Garrett, 95. Telef. 4094.

Delegação no Porto: R. Sá da Bandeira, 351, 1.ª

Delegação em Coimbra: R. Sá da Bandeira, 351, 1.ª

Delegação em Faro: R. Sá da Bandeira, 351, 1.ª

Delegação em Lagos: R. Sá da Bandeira, 351, 1.ª